

Exercícios específicos de interpretação II

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Exercícios específicos de interpretação II

Texto I

Sexo e temperamento em três sociedades primitivas

1 Nos anos 30, Margareth Mead comparou
três sociedades primitivas da Nova Guiné,
visando observar como as atitudes sociais se
relacionavam com as diferenças sexuais. A
5 partir dos resultados obtidos na pesquisa,
concluiu que a crença, então compartilhada
na sociedade americana, em um
temperamento inato ligado ao sexo não era
universal. Segundo ela, toda cultura determina
10 de algum modo os papéis dos homens e das
mulheres, mas não o faz necessariamente em
termos de contraste entre as personalidades
prescritas para os dois sexos nem em termos
de dominação ou submissão.

15 Entre os povos estudados por Mead, os
montanhese Arapesh, agricultores e
criadores de porcos, eram (homens e
mulheres) maternos, cooperativos,
sociáveis, pouco individualistas e orientados
20 para as necessidades da geração seguinte.
Em síntese, um povo com características
“femininas”.

25 Já os ferozes caçadores de cabeça
Mundugumor, agricultores e pescadores,
eram o extremo oposto. De acordo com a
autora, desprezando o sexo como base para
o estabelecimento de diferenças de
personalidade, padronizaram o

comportamento de homens e mulheres como
30 “ativamente masculino, viril e sem quaisquer
das características edulcoradas que estamos
acostumados a considerar indiscutivelmente
femininas”. Esse povo era formado por
indivíduos implacáveis que se aproximavam
35 de um tipo de personalidade que, na cultura
americana, só se encontraria em homens
indisciplinados e extremamente violentos.

Nos Tchambuli, por sua vez, pescadores
lacustres e amantes das artes, havia uma
40 inversão das atitudes sexuais: a mulher seria
o parceiro dirigente, dominador e pessoal,
e o homem, menos responsável e
emocionalmente dependente.

Para Mead, o fato de que traços de
45 temperamento tradicionalmente considerados
femininos fossem, em uma tribo, erigidos
como padrão masculino e, em outra,
prescritos para a maioria das mulheres e dos
homens demonstra não haver base para
50 considerar tais aspectos comportamentais
vinculados ao sexo. Essa conclusão seria
reforçada pela inversão da posição de
dominância entre os sexos no terceiro povo
estudado.

(PISCITELLI, Adriana. *Uma questão de gênero – Mente
cérebro*. São Paulo: Duetto Editorial, 2008. p. 24)

1. Identifique a tese central proposta no texto I.

2. Observe o fragmento abaixo:

“...mas não o faz necessariamente em termos de contraste entre as personalidades prescritas para os dois sexos nem em termos de dominação ou submissão.” (L. 11-14)

a) Explícite o referente do pronome “o” sublinhado na afirmativa acima.

b) Retire do texto I a passagem em que se encontra uma aparente contradição entre o fragmento acima e o comportamento descrito para um dos três povos primitivos citados.

Texto II

Homem ou mulher?

1 Quando menino, aos quatro ou cinco anos,
vi o pintor da nossa casa vestido de mulher
no Carnaval, dançando na rua, e aquilo foi um
espanto, uma perturbação, uma maravilha. A
5 idéia de que ele era as duas coisas, homem
quando pintava a casa e mulher quando ia
para a rua, pairou algum tempo em meu
espírito. Imagino que aquele menino o tenha
colocado na categoria dos seres e coisas
10 encantados que povoam a infância, por
sortilégio de alguma fada ou malefício de
alguma bruxa. Como um sapo que vira
príncipe ou uma abóbora que vira carruagem.

Quando, mais tarde, pude perceber formas
15 mais complexas de papéis sociais e
comportamento sexual, tentei entender por aí
aquele mistério da infância. Continuava longe
da verdade. Muitos carnavais que vieram
depois e algumas leituras só me deram dados
20 para perceber a constância e a antiguidade
daquele gesto, e que ele representava uma
transgressão. As explicações pareceram-me
sempre mecânicas demais – isso aconteceu
por causa daquilo – e não alcançaram a força
25 que o encantamento teve na infância. (...)

Ele (o pintor da infância) gostava de cantar
enquanto espalhava cores musicais pelas
paredes; seu repertório falava de amores
traídos e paixões sem remédio. Lembro-me
30 de algumas das canções, que recuperei em

discos. Na verdade, recuperava o pintor, em
vinil. Uma delas: “Aos pés da Santa Cruz você
se ajoelhou e em nome de Jesus um grande
amor você jurou, jurou mas não cumpriu,
35 fingiu e me enganou; pra mim você mentiu,
pra Deus você pecou...”. Outra dizia: “Não
queiras, meu amor, saber da mágoa que sinto
quando a relembrar-te estou, atestam-te os
meus olhos rasos d’água a dor que a tua
40 ausência me causou”. Ou ainda: “Passaste
hoje ao meu lado, vaidosa, de braço dado com
outro que te encontrou...”. Minha mãe contou
que a mulher dele tinha ido embora com outro
e que ele bebia cachaça. Já não sei se ela
45 disse exatamente nessa ordem.

Um dia mamãe falou: vamos ver o
Carnaval. Naquela tarde de sol, por entre os
carros do curso na avenida ele apareceu, para
meu espanto, encantado em mulher. Peruca,
50 batom, olhos e faces pintados, acrescentara
uma pinta, levava aberta uma sombrinha de
barbatana quebrada e cantava alegre uma
música bem diferente daquelas outras:
“Mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe
55 eu quero mamar; dá a chupeta, dá a chupeta
pro bebê não chorar”.

Hoje entendo-o melhor, embora eu esteja
ainda longe da verdade: ali, como mulher, ele
era outro homem.

(Texto adaptado de ANGELO, Ivan. In: WERINECK, H. (org.) *Boa companhia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 89-91)

3. O texto II apresenta expressões de temporalidade que situam ao menos quatro estágios da percepção do narrador à imagem de um homem vestido de mulher.

Retire do texto quatro dessas expressões, sendo uma para cada um desses estágios.

4. Observe o fragmento abaixo:

“Quando, mais tarde, pude perceber formas mais complexas de papéis sociais e comportamento sexual, tentei entender por aí aquele mistério da infância. Continuava longe da verdade.” (L. 14-18)

Levando em conta a percepção do narrador expressa no fragmento acima, diferencie o significado atribuído ao vocábulo “homem” no último parágrafo do texto II do significado que lhe é atribuído no primeiro parágrafo.

Gabarito

- 1.** A tese central do texto I é a seguinte: toda cultura determina de algum modo os papéis dos homens e das mulheres; a crença “em um temperamento inato ligado ao sexo não era universal”.
- 2.** a) O referente do pronome “o” é (toda cultura) determinar de algum modo os papéis dos homens e das mulheres.
b) As passagens que apresentam a referida contradição são as seguintes: (1) “Nos Tchambuli, por sua vez, pescadores lacustres e amantes das artes, havia uma inversão das atitudes sexuais: a mulher seria o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e o homem, menos responsável e emocionalmente dependente.”; (2) “Essa conclusão seria reforçada pela inversão da posição de dominância entre os sexos no terceiro povo estudado.”
- 3.** As expressões de temporalidade que situam os quatro estágios de percepção do narrador são as seguintes:
 - 1º estágio: “quando menino, aos quatro anos de idade” OU “quando menino” OU “aos quatro anos de idade”.
 - 2º estágio: “quando, mais tarde, pude perceber formas mais complexas de papéis sociais e comportamento sexual” OU “mais tarde” OU “quando pude perceber formas mais complexas de papéis sociais e comportamento sexual”.
 - 3º estágio: “um dia” OU “naquela tarde de sol”
 - 4º estágio: “hoje”
- 4.** No primeiro parágrafo do texto II, o vocábulo “homem” é empregado com o significado de indivíduo do sexo masculino, enquanto, no último parágrafo, o significado do vocábulo perde o enquadramento de gênero/sexo e passa a remeter a pessoa, ser humano.